

ENTREVISTA

O racismo na atualidade e o conhecimento como estratégia para seu enfrentamento

Entrevista com o Professor Doutor Sílvio Almeida

Valdenice José Raimundo*

Dilma Franclin de Jesus**

A questão racial tem sido um debate presente na vida do Professor Dr. Sílvio Almeida, desde muito jovem. É de uma família em que a discussão sobre a condição negra sempre foi cultivada. Cresceu cercado de fortes elementos da cultura negra como as escolas de samba, o futebol e as religiões de matriz-africana. Isso sempre foi motivo de orgulho e de afirmação na sua vida, e nunca foi visto como algo sem importância ou alienante. Os espaços negros representavam para ele, lugares de revitalização, de elaboração e de afeto.

Na sua trajetória acadêmica, inicialmente, não tratou diretamente dos temas ligados às relações raciais. A primeira formação foi em Direito. Jurista de formação, interessou-se por duas áreas do direito, no caso, o direito da propriedade intelectual (particularmente o direito de autor) e o direito tributário. Trabalhou e ainda trabalha, como advogado, com essas áreas até hoje, agora mais fortemente no direito tributário. Para o professor, o direito autoral e o direito tributário definiram direta ou indiretamente dois dos seus principais objetos de estudos, sendo esses cruciais para o tratamento que, na atualidade dá à questão racial: o processo de constituição da subjetividade jurídica e a relação entre direito e economia política.

Já formado em direito e advogado, ingressou, simultaneamente, no curso de graduação em Filosofia e no Mestrado em Direito político e econômico. No mestrado, conheceu o professor Alysson Leandro Mascaro,

* Doutora em Serviço Social. Professora da Universidade Católica de Pernambuco. Líder do Grupo de Estudos em Raça, Gênero e Políticas Públicas. E-mail: valdenice.raimundo@unicap.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2870-4064>.

** Assistente Social. Conselheira Presidente do Cress-Ba (2017-2020). E-mail: dilmafranclin@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2424-4507>.

um encontro que redefiniu a sua trajetória, ao receber um dos conselhos mais importantes da sua vida, dentre os quais o de dificultar o trabalho dos racistas e do racismo que sempre associam as pessoas negras a temas vinculados à raça ou ao racismo. O professor Mascaro o orientou a trilhar um caminho que pudesse levá-lo a ser um intelectual, indubitável e incontornavelmente negro, mas capaz de falar sobre assuntos como filosofia, direito, política, sociologia e economia, a exemplo do que fizeram Milton Santos e Guerreiro Ramos.

Para o professor, o racismo conta com o que parece óbvio, que é a ideia de que negros só estão autorizados a falar de racismo. Negros e negras podem falar de racismo, mas não carecem de autorização para falar de outros temas. Ele percebeu desde muito cedo que o racismo atua para isolar negros e negras em caixas intelectuais das quais não podem sair e nas quais são obrigados a falar o tempo todo dos mesmos problemas e a partir da mesma perspectiva. É quase como se houvesse uma divisão racial do trabalho acadêmico em que pesquisadores negros só pudessem produzir dados sobre a sua condição, para que, depois, acadêmicos brancos, especialmente dos EUA e da Europa, construam teorias a partir desses mesmos dados produzidos pelos negros.

Orientado por essa compreensão, estudou Filosofia, Teoria Geral do Direito, Sociologia e Economia Política. Sua força foi e permanece sendo no sentido de tornar-se um teórico, naquilo que esse termo tem de mais nobre. No mestrado, estudou a obra de Lukács e suas contribuições para a Filosofia do Direito, o que resultou no seu primeiro livro “O direito em História e Consciência de Classe” (ed. Alfa-Ômega, 2006). No doutorado, defendeu a tese de Sartre como filósofo do Direito, trabalho publicado no livro “Sartre: direito e política” (Ed. Boitempo, 2016). E, posteriormente, escreveu o trabalho de pós-doutorado comparando as visões críticas da subjetividade jurídica em Lukács, Sartre e Althusser. Nos três trabalhos, perseguiu a compreensão crítica do processo de constituição do sujeito de direito – elemento central da teoria jurídica – em três autores, que trouxeram para o campo da filosofia, cada um a seu modo, os impasses e os dilemas da ação política e das possibilidades de transformação social diante das mudanças estruturais da sociedade capitalista.

A tentativa de captar o processo de constituição do sujeito no interior da contemporaneidade o conduziu à questão das identidades e da raça. Questões como: Qual a relação entre raça e constituição das subjetividades no capitalismo? Como as mudanças na economia afetam a construção das identidades sociais? A raça é algo conjuntural ou estrutural no capitalismo? Como o direito atua no processo de constituição das raças? Essas questões orientam seus estudos e as suas pesquisas.

De acordo com o nosso entrevistado, a raça é um elemento analítico dos mais complexos e mais importantes para a investigação da sociabilidade contemporânea. Quem não se interessa pela questão racial não

tem condições de apreender fenômenos absolutamente essenciais do tempo presente, como por exemplo, a crise civilizatória que hoje a sociedade brasileira enfrenta. Sendo assim, ele enfatiza, que por isso, estudar a raça e suas determinações exige rigor e erudição. Exige conectar a raça às estruturas sociais, com a finalidade de entender como se reproduzem nas condições da economia capitalista, o Estado, o direito e os sujeitos, que são racializados. É o que ele trabalhou em “Racismo Estrutural,” da Editora Pólen, 2019.

Atualmente, investiga sobre as conexões entre Direito, Estado, subjetividade, capitalismo e raça buscando entender como tais temáticas o conduziram a pesquisar sobre a formação do pensamento social brasileiro, no qual identifiquei a essencialidade da raça em todos os seus grandes autores e autoras, seja os que tratam mais de perto de questões culturais e do pensamento nacional, seja os que se debruçam sobre a posição do Brasil na economia mundial.

As influências no seu trabalho são múltiplas. Cada uma a seu modo, em momentos e graus distintos. São autores/as tão diferentes, mas que têm contribuído para que seja um intelectual mais rigoroso e corajoso, que não tem medo da complexidade, da contradição. Afirma que um intelectual não pode ter medo da contradição e do que é complicado. Precisa ser generoso com quem lê os trabalhos – e didática é generosidade -, não se confunde com passar por cima de questões complexas a pretexto de facilitar.

Citamos abaixo os/as autores/as que o influenciaram, obviamente, não se limita a esses e não estão citados na ordem de importância: Luiz Gama, Frantz Fanon, Walter Rodney, Amílcar Cabral, Achille Mbembe, Stokely Carmichael, Angela Davis, Samir Amim, Karl Marx, Biko, Pachukanis, Sartre, Lukács, Althusser, Herbert Marcuse, Joachim Hirsch, Michel Foucault, Guerreiro Ramos, Clóvis Moura, Lélia Gonzalez, Milton Santos, Alysso Mascaro, Marcelo Paixão, Maria Aparecida Bento, Iray Carone, Nei Lopes, Luiz Antônio Simas, Adilson Moreira, Abdias Nascimento, Lília Schwarcz.

Após uma breve apresentação do professor Dr. Silvio Almeida, teremos acesso ao diálogo estabelecido através das questões que elaboramos. Entendemos que a contribuição do professor através das respostas são elucidadoras e contribuirão para a maturação da problemática racial no Serviço social, seja no processo formativo, bem como no exercício dos profissionais comprometidos com o Projeto ético-político da profissão.

Em Pauta – Como o racismo colabora para a reprodução das desigualdades?

Silvio Almeida – Ele está dialeticamente entranhado em nossas estruturas sociais. O que chamo de estruturas são elementos fundamentais da nossa sociabilidade que precisam ser concretamente reproduzidos, para que a sociedade continue a existir da mesma forma. Falo aqui da economia baseada

na troca mercantil, do Estado, do direito e da ideologia (subjetividade). Na sociedade em que vivemos, a desigualdade, a pobreza e o extermínio não podem ser eliminados, pois compõem a paisagem em um modo de vida em que o único momento de unidade se dá de modo meramente formal em processos eleitorais periódicos.

Fora disso, o que se tem a necessidade permanente de divisão, de antagonismo e de alteridade o que se torna mais radical nos momentos de crise econômica. Nesse sentido, o racismo funciona como já nos ensinou Foucault como tecnologia de poder que permite a “metabolização” da desigualdade inerente ao capitalismo e como forma de naturalização da morte daqueles que não forem passíveis de incorporação a essa lógica. Não houve nenhum momento, desde a formação das sociedades contemporâneas, em que o racismo, tal como o conhecemos hoje, não tenha desempenhado um papel central na “defesa” da sociedade contra os “bárbaros”, “estrangeiros”, “imigrantes”, “indesejáveis”, “terroristas”, “inimigos”.

Em Pauta – É possível falar de racismo sem a presença do Estado?

Sílvio Almeida – Não. O racismo não é um evento, é um processo. O racismo é o processo de reprodução da raça como padrão de classificação de indivíduos. É o racismo que cria o “negro” e também o “branco”. O que não quer dizer que o negro não possa – e é isso que o movimento negro tem feito: ressignificar a sua condição existencial por meio da luta política. Para que esse padrão se amplie e tenha a condição de moldar as subjetividades e trazer consequências na vida das pessoas, é preciso que o racismo, enquanto processo, esteja em conexão com o Estado, o direito e com os modos de articulação da economia.

Em Pauta – Existe alguma temática que pode ser tratada sem que se considere a concepção de racismo estrutural?

Sílvio Almeida – Acho que uma abordagem não estrutural leva a sérias limitações no estudo do fenômeno. O racismo, na minha opinião, deve ser abordado de modo crítico, ou seja, de forma a demonstrar que os limites da raça são também os limites da sociedade. Pode-se descrever o racismo como “sintoma” ou como problema ético ou jurídico. Mas isso é caminhar no campo da superficialidade e não tomar contato com as determinações mais profundas do racismo.

Em Pauta – Como o racismo estrutural se expressa no cotidiano de homens e mulheres negros/as?

Sílvio Almeida – Ora, só o fato de ser negro já expressa que nossa existência é forjada a partir da raça e, portanto, constituída pelo racismo em alguma medida. De modos diferentes e de acordo com suas particularidades e singularidades, todos os homens e mulheres negros e negras, sem exceção, têm que lidar com a sua condição negra. Não é uma questão meramente cotidiana. É uma questão de como se existe dentro de uma sociedade como é a nossa. O problema é existencial, portanto.

Em Pauta – Nos fale sobre as três concepções de racismo presentes, na obra de sua autoria: O que é racismo estrutural? Concepção liberal/individualista, racismo institucional e o estrutural.

Sílvio Almeida – É importante que se diga, inicialmente, que essa divisão não tem o propósito de criar uma nova classificação para os “racismos”. É a forma que utilizo para explicar três questões: 1) o modo com que o racismo pode ter diferentes tratamentos a depender das teorias econômicas, políticas e jurídicas às quais alguém se filia; 2) teorias sobre o racismo pressupõem teorias sobre o papel do Estado, do direito e da economia; 3) as limitações das teorias liberais para explicar o fenômeno do racismo.

Assim sendo, considero que as visões liberais de mundo redundam em uma concepção do racismo como um fenômeno ligado prioritariamente à ação dos indivíduos. O racismo é visto como uma manifestação de irracionalidade, como uma patologia social ou como um ilícito. Desconsidera-se, via de regra, a dimensão social e política do racismo, que não é produto dos indivíduos e seus possíveis “desvios”, mas é, sobretudo, um processo que molda a sociedade e, por conseguinte, a forma de sentir e pensar dos indivíduos que nela vivem.

Nesse sentido, a concepção institucional do racismo é muito superior, à medida que o racismo é compreendido como parte da dinâmica das instituições que pertencem à sociedade. Portanto, não bastaria mudar os indivíduos, mas as instituições. As ações afirmativas são exemplos de medidas que visam a enfrentar o racismo institucional, tratando o problema como uma questão política, e não apenas como um problema moral ou jurídico. Ainda assim, a concepção que mais consegue lidar com as complexidades do racismo, colocando-o como parte integrante do próprio processo de reprodução social é a concepção estrutural.

Desse modo, o racismo é concebido como um processo histórico e político que necessariamente envolve analisar mais do que os indivíduos e as instituições. Chega-se à conclusão observando o racismo em sua dimensão estrutural de que a luta antirracista é inócua sem uma mudança nos aspectos econômicos, políticos e culturais da sociedade em geral.

Em Pauta – Qual a importância dos movimentos negros, culturais para a luta contra o racismo.

Sílvio Almeida – São fundamentais. O movimento negro não tem importância apenas na luta antirracista. Falo “apenas” porque, para o senso comum, o racismo é uma questão de interesse apenas das pessoas negras. É um erro. A desigualdade e a violência que atingem a todos, sem distinção de raça, têm o racismo como ponto de apoio. A luta antirracista, portanto, é uma luta para que possamos atingir um novo patamar nas relações humanas, é uma batalha para imaginar um novo mundo possível. E isso exige um esforço brutal, tanto do ponto de vista da ação política, como do ponto de vista da elaboração intelectual de formas originais e não colonizadas de conceber o mundo.

Particularmente no Brasil, o movimento negro, em suas múltiplas facetas, permitiu ao país a criação de espaços de resistência e de sobre-vivência que ainda hoje carregam o que de melhor há em nós. E eu diria que é isso que nos permitirá atravessar esse período de barbárie e destruição que sobre nós se abate.

Em Pauta – Quais os desafios, a partir do seu ponto de vista, para o enegrecimento do conhecimento?

Sílvio Almeida – Só concordo com o “enegrecimento” do conhecimento se isso for pensado como a possibilidade de abrir encruzilhadas que nos permitam subverter a lógica da dominação e da colonialidade ainda presente. Faço essa observação porque se “enegrecer” significar render-se à lógica da raça e projetar intelectualmente as figuras fantasmagóricas e as loucuras que o racismo produziu, temos que escapar imediatamente desse confinamento. A raça não opera apenas como forma de destruição de corpos e de possibilidades existenciais.

O racismo também é confinamento do intelecto. Por isso, considero que lutar contra o racismo é o esforço para conhecer o mundo para além da raça, esse esquite, esse sepulcro que a modernidade nos legou. Devemos passar por cima de tudo o que o racismo espera de nós.

Entrevistar o professor Sílvio Almeida foi mais de que uma satisfação; foi, sobretudo, o reconhecimento da pertinência e atualidade de sua abordagem à temática como intelectual potente que é, extremamente crítico, que registra, com tamanha profundidade, serenidade e coerência, durante as suas discussões e/ou exposições sobre relações raciais no Brasil. Entendemos dentro da orientação do conjunto Cfess/Cress, que é urgente e fundamental a aproximação dos profissionais do Serviço Social a essa realidade e ao conhecimento sobre o racismo e suas expressões na vida dos usuários e dos próprios assistentes sociais. Uma vez que temos várias razões para destacar

a importância e dentre elas podemos sinalizar o Código de Ética do/a Assistente Social (1993) que possui dentre os princípios a opção por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação, exploração de classe, etnia e gênero. Nesse triênio (2017-2020), vale destacar o legado que a campanha nacional do Conjunto Cfess/Cress proporcionou para a sociedade ao retomar, com bravura e centralidade, o debate sobre a luta antirracista - caro para a sociedade brasileira, que tem proporcionado uma reflexão-ação para a categoria a partir dos temas pautados que atingem discriminadamente a população negra e consequentemente toda a sociedade.

Esperamos que os conteúdos aqui abordados possam contribuir para um processo reflexivo, pautado num projeto de sociedade, na qual homens e mulheres independente de sua raça, possam ser livres e respeitados.

DOI: 10.12957/rep.2020.47194



A Revista Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.